



A DEMONSTRAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS ATRAVÉS DO CONHECIMENTO SENSÍVEL EM TOMÁS DE AQUINO

Camila de Souza Izídio

Universidade Estadual de Maringá – PR – Brasil.
camilaezidio@hotmail.com

Resumo: Tomás de Aquino, filósofo e teólogo do período medieval, representa um importante marco na história da filosofia, pois suas obras são marcadas pelo tratamento de assuntos teológicos com uma abordagem filosófica, ou seja, o filósofo conciliou a fé e a razão que pareciam contrárias. Tomás na *Suma Teológica* e na *Suma contra os Gentios* aborda, dentre outros assuntos, argumentos pelos quais é provada a existência do ser de Deus. Esses argumentos são geralmente conhecidos pelo título de 'Cinco vias' mediante os quais a verdade da proposição de que Deus existe é afirmada. Faz-se necessário deixar exposto que as vias para a existência de Deus são do tipo *quia*, ou seja, partem de constatações acerca das criaturas visíveis para inferir a existência de sua causa transcendente. Cada argumento proposto por Tomás parte daquilo que é melhor conhecido por nós, em direção àquilo que é melhor conhecido em si mesmo, ou seja, parte das coisas sensíveis para a causa inteligível.

Palavras- Chave: Tomás. Deus. Movimento.

DEMONSTRATION OF THE EXISTENCE OF GOD THROUGH SENSITIVE KNOWLEDGE IN THOMAS AQUINAS

Abstract: *Thomas Aquinas, philosopher and theologian of the medieval period represents an important milestone in the history of philosophy. His works are notable for dealing with theological issues with a philosophical approach, i.e, the philosopher reconciled faith and reason that seemed contrary. Thomas in Summa Theologica and Summa Against the Gentiles addresses, among other issues, the arguments that proved the existence of God. These arguments are generally known by the title of 'Five ways', and through it the truth of the proposition that God exists is affirmed. It is necessary to clarify that the ways to the existence of God are of the quia type, in other words, from the substantiation of visible creatures to infer the existence of their transcendent cause. Each argument proposed by Thomas sets out from that which is better known to us, to that which is better known in itself, i.e, from sensitive things to an intelligible cause.*

Keywords: *Thomas. God. Motion.*

* * *

Introdução

Utilizando-se de premissas levantadas primeiramente por Aristóteles em sua teoria, na qual o mesmo defende a existência de um primeiro motor imóvel, Tomás empregará uma argumentação menos cosmológica do que a Aristotélica e provará

por um princípio que parte da realidade física, no caso o movimento, que o mesmo depende de um princípio que se encontra em uma realidade metafísica, no caso Deus. Tomás parte da premissa de que, tudo o que se move é movido por um outro, ou seja, vemos que as coisas sensíveis sofrem algum tipo de alteração, nada está em um estado estático, e isso ocorre devido ao movimento. E o mesmo, segundo Tomás, não poderia originar nas próprias coisas, mas sim advir de algo externo a elas, no caso, Deus.

1. As Cinco Vias e o Conhecimento Humano Acerca de Deus

Na *Suma Teológica* a doutrina da fé é discutida com base no conceito particular de ciência Aristotélica. Nessa obra, Tomás pretende expor a ciência de Deus, discutindo a existência do mesmo, seu nome e o que ele é. No capítulo 2 da obra *Aquinas on God*, Rudi T. Velde, por sua vez, discute a questão relativa à existência de Deus. É na *Suma Teológica*, artigo 3, questão 2, que Tomás fornece cinco argumentos condensados que são geralmente conhecidos pelo título de ‘*Cinco vias*’ e pelos mesmos, a verdade da proposição que Deus existe é afirmada.

Brian Davies em sua obra *The Thought of Thomas Aquinas*, mais precisamente no capítulo intitulado “Getting to God”, faz algumas observações acerca das ‘cinco vias’. Em primeiro lugar, Davis diz que tais provas não podem ser consideradas originais, já que filósofos que antecedem Tomás haviam apresentado discussões semelhantes as suas. Não só o próprio Aristóteles, do qual Tomás faz uso na argumentação acerca do motor imóvel, mas autores como Avicena, Maimônides e Averróis também discutiram a temática. Em segundo lugar é importante dizer que Tomás, com as tais vias, não pretende construir uma argumentação a fim de defender a crença na existência de Deus. Melhor dizendo, o filósofo não está buscando uma maneira de mostrar que Deus existe, com todos os atributos que são atribuídos ao mesmo pela doutrina de fé. Na verdade, Tomás está procurando por:

- (1) “some first cause of change not itself being changed by anything”, (2) “some first cause”, (3) “something which must be and owes this to no other thing than itself [and is] the cause that other things are”, (4) something “which causes in all other things their being, their goodness, and whatever other perfection they have”, and (5) something “with understanding’ by which ‘everything in nature... is directed to its goal”.¹

Tomás, com as provas acerca da existência de Deus, busca uma maneira de justificar uma primeira causa da qual tudo no mundo tem uma dependência, em relação a um ser: Deus. Em terceiro lugar devemos observar o papel da cronologia nas cinco vias. Davies descreve dois tipos de relações causais. Primeiro, aquela que é estabelecida de maneira indireta, por exemplo, eu fui gerado por meus pais, que por sua vez, foram produzidos por seus pais (no caso meus avós); eu não dependo dos meus avós diretamente para minha existência, todavia é perceptível

¹ The Thought of Thomas Aquinas, p. 26: (1) “Alguma causa primeira de mudança não sendo em si mesma mudada por outra coisa”, (2) “alguma causa primeira”, (3) “alguma coisa que deve ser isso não para outra coisa que a si mesmo [e é] a causa que as outras coisas são,” (4) alguma coisa “que causa em todas as outras coisas o seu ser, a sua bondade e qualquer outra perfeição que eles tem,” e (5) alguma coisa “com entendimento” pela qual “tudo é natureza...é direcionado para seu objetivo”.

que em algum momento no passado eles influenciaram (com a geração de meus pais) para que eu pudesse ser em algum momento gerado. Agora consideremos uma estátua, que foi posta em determinado lugar no passado, a fim de homenagear alguém e é, por sua vez, sustentada por uma coluna. É perceptível que por todo o tempo a sustentação da estátua depende da existência da coluna. De maneira que, os fenômenos dependem de Deus como a estátua depende da coluna. Assim Deus é a causa dos efeitos, na medida em que, os mesmos dependem dele em sua ocorrência. (2001, p. 27).

Com o passar do tempo, as cinco vias têm recebido diferentes interpretações e avaliações. Velde, em seu texto *Aquinas on God* (2006, p. 37), diz que, para alguns, as vias são a mais valiosa contribuição de Tomás para a história da filosofia. Para outros, elas podem ser consideradas como nada mais que um esclarecimento preliminar da noção de Deus, se forem consideradas no contexto da fé Cristã. Fica claro que falar sobre a demonstração da existência de Deus, no contexto da ciência da fé é matéria de divergências. Alguns consideram que, os argumentos das Cinco vias são claramente um ponto de vista filosófico, e assumem que elas pretendem ser provas filosóficas e como tal, são abertas para a análise crítica e avaliação, a fim de serem validadas logicamente. Velde, em seu texto (2006, p. 38), diz que podemos observar na literatura um crescimento na conscientização do papel que essas vias representam dentro do projeto teológico da *Suma* de Tomás. Os argumentos são ditos como “argumentos” que visam uma prova logicamente conclusiva, que pode ser julgada pelo critério filosófico de racionalidade.

O Tomismo tradicional sempre atribuiu grande valor às provas da existência de Deus, pois elas eram consideradas como de crucial importância a fim de justificar a crença teísta. As cinco vias eram pensadas como o núcleo de um projeto de Teologia, no qual a razão natural humana, independente de revelação religiosa e da sua interpretação como a tradição da fé, redescobre racionalmente as verdades básicas da religião e estabelece, assim, uma justificação racional da crença religiosa em Deus. Contudo, a hipótese de que as cinco vias seguem uma doutrina filosófica de Deus, que precede a exposição teológica de fé, é questionável.

Parece justificável considerar os cinco argumentos como provas filosóficas. Pois, Tomás afirma que pode ser provado, pela razão natural, que Deus existe. E a razão natural para o filósofo é tida como o instrumento da filosofia, em sua procura pela verdade. A verdade de que Deus existe cai, portanto, sobre o âmbito do conhecimento filosófico (natural). Para Tomás, um relato filosófico da realidade requer como fundamento a afirmação de um primeiro princípio explicativo, de tudo o que existe. Tomás acredita que esse conhecimento natural de Deus advém através das escrituras – Romanos: 1,20 que dizem: “as ocultas coisas de Deus podem ser claramente entendidas a partir das coisas que ele fez”. E aqui vemos claramente porque Tomás tem como princípio das suas vias aquilo que podemos observar no mundo (os efeitos de Deus). Todavia, seguindo a transformação da razão na recente era moderna, as clássicas provas da existência de Deus receberam uma interpretação epistemológica. Com isso, as provas ofereceriam certeza e justificação epistêmicas sobre a crença da existência de Deus. No entanto, deve ser notado que o contexto epistemológico moderno é diferente do contexto em que se situava a filosofia medieval. A questão real para Tomás não é se Deus existe como matéria, nem mesmo se consideramos possível justificar racionalmente que Deus existe. Seu foco, de certa maneira, não é epistemológico. Tomás não está procurando por alguma espécie de razão, que possa justificar seu assentimento à proposição de que

Deus existe. O que o filósofo está procurando é explicar a maneira pela qual o intelecto entende a verdade da proposição de que Deus existe.

É importante reconhecer o próprio contexto teológico e o objetivo das cinco vias na *Suma Teológica*. Elas são o primeiro passo para a sistemática exposição da ciência da doutrina sagrada, na medida em que explicitam a inteligibilidade do objeto dessa ciência. Os argumentos tem o propósito de discutir a questão de como a verdade ou realidade de Deus é acessível ao entendimento humano, e não a questão de como minha crença que Deus existe pode ser racionalmente justificada.

Em contraste com a tendência do Tomismo tradicional, que isola os argumentos da existência e os trata como parte de uma fundação filosófica de fé, Velde discute em seu texto, a questão da existência de Deus dentro do projeto de Tomás e principalmente a matéria que nos dá acesso para a inteligibilidade de Deus. (2006, p. 38.).

No *sed contra* da q. 2, a. 3, que precede a apresentação das cinco vias, Tomás usa uma passagem da bíblia, em que, o próprio Deus, declara sua existência (2001, p.166). A questão de que Deus existe, parece ser determinada por uma revelação do mesmo a Moisés. Para a modernidade isso pode ser estranho. O empreendimento racional de provar a existência de Deus exige que coloquemos entre parênteses as verdades provenientes de revelação e a tradição religiosa. Não se pode resolver a questão da existência de Deus remetendo a um apelo para a revelação, desde que, sem Deus não há revelação. Segundo a modernidade, deve se escolher: ou segue-se a via da razão e prova-se a existência de Deus sem apelo aos textos religiosos, ou segue-se a via da fé e aceita-se a existência de Deus pela autoridade bíblica. Todavia, Tomás diz em seu projeto teológico\filosófico algo como que, embora, haja muitas objeções para a aceitação de que Deus existe, isso deve ser tomado seriamente pelos cristãos e afirmado através das escrituras em si próprias. E assim garantida a verdade de que Deus existe, Tomás com ajuda de argumentos encontrados na tradição filosófica mostrará à mente humana uma forma mais acessível de entender essa verdade.

Voltando-se principalmente para a análise da primeira via, temática principal desse artigo, Velde diz que a mesma tendo como princípio o movimento, que por sua vez é uma argumentação tomada a partir do conceito da física Aristotélica, tem ocasionado uma grande discussão na literatura secundária. Pois, há dúvidas se ela deve ser considerada como um argumento físico (considerando seu princípio) ou genuinamente metafísico como as outras quatro vias. A interpretação de Velde sugere a leitura da primeira via, como mostrando a necessidade de transcendência do domínio físico de movimento através de uma causa metafísica (2006, p.39).

A demonstração da proposição de que Deus existe é parte da argumentação científica de Tomás na *Suma*, para expor a verdade e a fé de acordo com os requerimentos formais da ciência. Todavia, podemos nos interrogar, porque Tomás expõe as verdades da existência de Deus de acordo com uma ciência que é dita sendo subordinada à mais alta de todas, no caso a de Deus? Isso ocorre não por um defeito da ciência Divina, mas sim por um defeito do próprio intelecto humano, que necessita de princípios mais acessíveis a ele para entender certas proposições. Tomás mostra por meio das cinco vias como a inteligibilidade de Deus, sendo objeto da ciência, é acessível ao intelecto humano. A questão *Se é (An Sit)* é preliminar na pergunta de como a realidade ontológica é acessível e afirmável pelo intelecto

humano. Essa questão não pode ser imediatamente perguntada para a demonstração racional. Pois é concebível que a existência de Deus é por si (*per se*) conhecida (intuitivamente) pelo intelecto humano, ou mesmo que ela é somente acessível pela fé, que é uma disposição do intelecto. Em princípio a questão se Deus é, admite diferentes respostas, desde que se refira a questão de como a inteligibilidade de Deus é feita por nós, ou imediatamente por si, ou mediante a fé ou pela razão. Tomás argumenta em relação à última alternativa: Para que o intelecto humano acesse a inteligibilidade de Deus, sendo ele objeto de todas as verdadeiras proposições da ciência teológica, é necessária demonstração.

Segundo Tomás, conhecer não é nada mais que entender a verdade de alguma conclusão através da demonstração. O objeto do conhecimento através da demonstração é a conclusão; e ainda o objeto é demonstrado por inferir sua verdade a partir de verdadeiros princípios.

Buscando formular o que a coisa é por significados de uma definição, pressupõe-se que ela exista, em outras palavras que ela pertença a ordem do ser. Em geral pode-se dizer que o conhecimento objetiva articular, a intrínseca cognoscibilidade de seu objeto, ou seja, deixar mais claro a essência do objeto e para isso o objeto deve existir.

Começa a ficar mais claro sobre o que se trata a questão *An sit* (se é) posta por Tomás em relação a Deus, e como a mesma faz parte do projeto científico da *Suma*. Tomás afirma que a primeira coisa que devemos conhecer das coisas é a sua existência. O que o filósofo quer dizer é que, algum conhecimento sobre alguma coisa, pressupõe que a coisa em questão exista e que por virtude de seu ser ela seja também cognoscível. Em geral, o conhecimento pode ser dito como uma determinação conceitual do que e de como a coisa é. Deve-se, primeiro, estabelecer nessa investigação, aquilo que a coisa é, e desse modo, investigar no que o ser da coisa consiste e quais são suas propriedades essenciais. No caso do conhecimento de Deus, isso significa que deve ser primeiramente encontrado um meio de acesso ao ser de Deus, de maneira inteligível sobre a qual o ser de Deus é afirmado, como sendo incorporeal, bom, e assim por diante.

1- Primeira Via: A Via do Movimento

Uma das obras abordadas nesse artigo intitulada *The Metaphysical Thought of Thomas Aquinas* de John Wippel, inicia a exposição do capítulo XII “The Five Ways”, com a afirmação de que a existência de Deus pode ser provada em cinco vias. Lembrando que essas são do tipo *quia*, que partem de constatações acerca de criaturas visíveis para inferir a existência de uma causa transcendente. Ou seja, será provado que Deus é, não pela via da fé, mas por vias que podem ser demonstradas (2000, p. 444).

É na *Suma Teológica*, mais precisamente na q. 2, a. 3 e na *Suma Contra os Gentios*, livro I, capítulo XIII que é encontrada a argumentação acerca da primeira via, que tem como princípio o movimento. De maneira que, Tomás tem como premissa fundamental que tudo aquilo que se move no mundo é movido por outro. Na primeira obra citada acima, o filósofo inicia seu texto já observando que a primeira das cinco vias, é a mais clara e manifesta dentre todas as outras, pois tem como fundamento o movimento que, por sua vez, é atestado pelos nossos sentidos estando nas coisas sensíveis.

Tomás na *Suma Contra os Gentios* divide a primeira via em duas, e analisa detalhadamente cada proposição. A primeira delas consiste em que “tudo aquilo que se move é movido por outro”². Sendo assim, esse outro movente ou também é movido por outro ou não. Nesse caso se A é movido por B, ou B não é movido, ou o é por C. Entretanto, C também necessitaria de algo que o movesse e assim por diante; dessa maneira prosseguiríamos ao infinito na série de moventes e movidos, o que não é possível. Porém, se tal movente é imóvel a ele denomina-se Deus. O filósofo apresenta, então, três argumentos para provar que essa proposição é verdadeira. Primeiramente, diz que, se algo movesse a si mesmo, nele também residiria o princípio do seu movimento, se assim não fosse seria movido por outro. Se algo se move a si, deve também ser movido em “razão de si mesmo e não em razão de uma parte sua”³ como acontece com os animais, que são movidos a partir do movimento de suas partes. Todavia, aquilo que se move deve, segundo Aristóteles, no livro da *Física*, ser divisível e ter partes. (2006, p.124) De que maneira então, algo que é divisível pode ter o princípio do movimento em si como um todo, e não em uma de suas partes?

Para melhor explicitar a objeção dita acima, consideremos os argumentos de Tomás, pois, como vimos, aquilo que move-se a si é primeiramente movido, logo se ele é também divisível o repouso do todo segue-se do repouso das partes. Porém, se uma das partes estiver em repouso, e outra se mover, conclui-se que o todo não foi o primeiro a ser movido, mas sim uma das partes, por aquela que estava em repouso. “Mas nada que repousa devido ao repouso de outro movimenta-se a si mesmo.”⁴ De maneira que, ao repouso de um, o outro também repousa, e que, ao movimento de uma parte siga-se o movimento da outra. Porém, disso conclui-se que a coisa não se move a si mesma, já que depende, primeiro, do movimento da parte para que depois o todo se movimente. Fica claro que para ser movida a coisa necessita de outro.

O segundo argumento parte da seguinte premissa “tudo aquilo que é movido acidentalmente não se move a si mesmo”⁵. Como é o caso dos entes que se movem por violência, que são evidentemente movidos por outro. Mesmo aqueles que se movem por si, como é o caso dos animais, que tem o princípio de seu movimento na alma, ainda assim são movidos por outro, que é responsável por sua geração e corrupção.

O terceiro argumento que Tomás nos apresenta a fim de comprovar que tudo que se move é movido por outro toma como princípio a questão do ato e potência. Já que aquilo que está sendo movido é algo que se encontra em potência e aquilo que move, deve ser algo em ato. Faz-se necessário aqui explicitar melhor esses conceitos de ato e potência que são tomados de Aristóteles por Tomás. O *Ato* pode ser dito como aquilo que a coisa é em dado momento. De outro lado, a *Potência* reflete a possibilidade que as coisas tem de vir a ser algo. Para ilustrar isso Tomás considera aquilo que é atualmente quente (fogo) que torna aquilo que é potencialmente quente (frio) atualmente quente, assim movendo e alterando. De forma que, o movimento é descrito como a redução de potência ao ato. No entanto, como esse movimento de passagem de potência ao ato, terá como princípio a

² Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 37.

³ Suma Contra os Gentios, cap. XII, p. 38.

⁴ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 38.

⁵ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 39.

própria coisa, se ela não pode estar sob o mesmo aspecto em ato e potência simultaneamente, é necessário que algo fora da coisa a mova, ou seja, aquilo que se move é movido por outro. Porém, esse outro não pode estar em potência, já que potência é o estado de vir a ser algo, dessa maneira aquilo que move as coisas deve ser algo que esteja em ato. Tomás argumenta que não é possível algo ser ato e potência ao mesmo tempo. Não é possível algo ser potencialmente e atualmente quente ao mesmo tempo, cito:

[...] nenhuma coisa está simultaneamente e sob o mesmo aspecto em ato e potência. Porém, tudo aquilo que é movido, enquanto se move está em potência, porque o movimento é ato daquilo que existe em potência enquanto está em potência.⁶

Disso decorre que, algo não pode ser movido e mover ao mesmo tempo e pelo mesmo movimento, ou mover-se a si mesmo. Segundo Tomás, “nenhuma coisa está simultaneamente e sob o mesmo aspecto em ato e potência.”⁷ O filósofo ressalta que o “movimento é ato daquilo que existe em potência enquanto está em potência.”⁸ Aquilo que é movente só pode estar em ato, pois só assim ele pode agir sobre outro ou sobre si mesmo. Dessa maneira, vemos que uma coisa não pode ser movente e movido, ato e potência ao mesmo tempo, logo nada pode mover-se a si mesmo.

Na segunda parte do argumento na SCG, Tomás diz o seguinte: “Na série de moventes e movidos não se pode proceder indefinidamente”⁹ No livro VIII do *Commentary on Aristotle's Physics* (1999,pág.56), Tomás diz que segundo Aristóteles, aquilo que se move é movido por outro, de maneira que faz-se necessário que haja algo que não seja movido por outro (que seja imóvel ou movido por si). Se não chegamos a isso, prosseguiríamos indefinidamente o que é errôneo se consideramos que entre as coisas infinitas existentes não haveria um primeiro movente, e se não há primeiro, não há segundo, e não há nenhum, o que parece ser manifestadamente falso. De forma que precisaríamos então, admitir a existência de um primeiro motor.

Na SCG, Tomás apresenta três argumentos para deixar claro que não se pode prosseguir até o infinito na série de moventes e movidos. Primeiramente, ele diz que se houver um processo ao infinito entre os moventes e movidos, logo também haverá infinitos corpos, pois segundo Aristóteles no Livro VI da Física, tudo o que é divisível e movido é corpo (2006, p. 127). De maneira que, todo esse infinito número de corpos é movido ao mesmo tempo, em que cada um deles é movido. Ou seja, cada corpo individualmente tem um movimento que ocorre em um tempo finito. De forma que, na hipótese de uma sucessão infinita de corpos, teríamos movimentos infinitos em um tempo finito. Parece que isso tudo estaria certo; todavia, Tomás apresenta uma prova para mostrar que movimento infinito em um tempo finito é algo impossível. Isso porque é simultânea a relação motor e movido. Corpos assim devem estar por continuidade ou contato¹⁰, do que se seguiria que essa

⁶ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 39.

⁷ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 39.

⁸ Suma Contra os Gentios, cap. XII, p. 39.

⁹ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 39.

¹⁰ Segundo Tomás no livro V de seu Comentário a Física de Aristóteles, contato pode ser definido considerando duas coisas que tem suas extremidades juntas (é importante ressaltar que mais acima ele define junto como aquilo que está no mesmo lugar, no mesmo espaço). Já aquilo que é contínuo é dito assim, pois tendo uma coisa tocando a outra, ou seja, estando em contato, essas coisas

simultaneidade de motores e movidos se daria como sendo um só movido; então um infinito é movido em um tempo finito. Ora, é impossível que isso ocorra, conforme se prova na *Física* de Aristóteles, livro VI (2006, p.167).

O segundo argumento contra o regresso ao infinito está na premissa de que, se há uma ordem de motores e coisas movidas e nessa série, um é movido pelo outro. Se o primeiro motor for retirado ou ele parar de mover, todos os outros moventes cessam seu movimento. E se tal ordenada série procede ao infinito, não haveria primeiro motor, de maneira que não haveria então movimento e nada no mundo seria movido, o que perceptivelmente é errôneo afirmar. O terceiro argumento parte de um princípio comum com segundo argumento, pois diz que aquilo que move como instrumento (considerando a ordem de moventes e movidos) não move-se a si mesmo, logo necessita de um motor principal que o mova. No entanto, se houver infinitos moventes como intermediários, não haverá o primeiro e principal que movimenta a todos; dessa maneira, nada será movido.

Na segunda parte da primeira via Tomás diz que “Se todo movente se move tal proposição é verdadeira ou por si mesma ou por acidente.”¹¹ Se for verdadeira por acidente não é necessária, por outro lado “que nenhum movente se mova é contingente”¹², Se for verdadeira por acidente não é necessária, visto que o acidente é algo que pode ou não ser inerente a coisa, por outro lado “que nenhum movente se mova é contingente”¹³, partindo do princípio de que contingente é aquilo que é possível em si, ou seja, mediante seu próprio conceito, no entanto pode ou não ter a necessidade em outra coisa. No entanto, se nenhum movente se move, nada será movido por ele, de maneira que também é contingente que nada seja movido, pois se nada se move nada é movido. Todavia, como afirma Aristóteles na *Física*, livro VIII, capítulo I, é impossível que em algum momento no mundo não tenha havido movimento, dessa forma o primeiro movente não pode ser contingente. (2006, p. 267) Por outro lado, vemos que “se duas coisas estão unidas por acidente em uma terceira, e uma pode ser encontrada sem a outra, é também provável que esta outra possa ser encontrada sem a primeira.”¹⁴ Logo, motor e movido estando unidos por acidente, sendo possível que aquilo que move a coisa não esteja na mesma, e também que o motor seja encontrado sem aquilo que move. Entretanto, mesmo que motor e movido estejam unidos somente por acidente, de que maneira aquilo que move algo será primeiramente movido? Será pelo mesmo tipo de movimento que motor e movido serão movidos? Se assim fosse seria certo que, aquele que ensina algo seria também ensinado, o que é impossível já que quem ensina uma ciência deve primeiramente dominá-la. Entretanto, se o movido tiver um movimento diferente do motor, existirão inúmeras formas de movimento, considerando que há vários moventes e movidos intermediários e que um move o outro. Dessa maneira, prosseguiríamos ao infinito o que não é possível, já que se assim fizéssemos suprimiríamos o princípio do movimento, de maneira que temos então que admitir que há um primeiro motor que, por sua vez, não é movido por outro extrínseco ao mesmo.

possuem um único e mesmo término, ou seja, é uma espécie de sucessão. Somente existe continuidade em coisas que estão em contato, mas não se dá o contrário.

¹¹ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 40.

¹² Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 40.

¹³ Suma Contra os Gentios, cap. XIII, p. 40.

¹⁴ Suma contra os Gentios, cap. XIII, p. 40.

Pode-se aqui objetar que mesmo tendo admitido que haja um primeiro motor que não é movido por algo extrínseco, ainda assim não resultará que ele seja imóvel; Tomás na SCG, se fundamenta no argumento aristotélico e propõe duas possibilidades acerca do primeiro motor. Ou ele é algo imóvel ou é algo que se move por si mesmo (1990, p. 37). Entendamos por si mesmo algo que tem em si próprio o princípio do movimento. Um exemplo são os animais, pois seu movimento advém de uma de suas partes, no caso a alma. Entretanto, mesmo sendo movidos por si, ainda assim são entes corruptíveis no mundo, fazendo com que o movimento esteja unido às suas partes motoras por acidente, pois em um tempo eles existem e em outro não mais. O que não parece poder ser dito do primeiro motor, na medida em que, consideramos aquilo que já foi dito por Aristóteles, de que não houve momento algum no mundo em que não havia movimento, de maneira que o primeiro motor não pode ser algo que exista em um tempo e em outro não, fazendo com que o movimento seja apenas um acidente. De forma que, se faz necessário que haja uma causa da geração e corrupção dos auto-moventes, e que dê movimento às coisas da natureza que não têm nem mesmo o princípio do movimento, como no caso, dos animais, (1990, p. 42). Que por sua vez seja também, causa da eternidade da corrupção e geração. Já que os entes corruptíveis, mesmo tendo o princípio do movimento atrelado a si, ainda assim dependem de um ente que seja infinito e eterno, e que por sua vez, não se mova nem por si e nem por acidente e que, todavia seja imóvel, no caso, Deus.

Considerações Finais

As cinco vias são um projeto de Tomás de Aquino, não a fim de justificar crenças, mas de demonstrar ao intelecto humano uma forma mais acessível de inteligir a verdade da existência do ser de Deus. Isso porque aquilo que é sensível é mais facilmente conhecido, de maneira que, as cinco vias partem daquilo que é considerado como sendo os “efeitos” de Deus no mundo para justificar assim uma causa primeira. A primeira via por sua vez, é dita como a mais clara e manifesta na *Suma Teológica*, na qual como vimos Tomás prova a existência de Deus, a partir de um princípio físico, no caso o movimento.

* * *

Referências

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra Os Gentios*. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora. 1990.

_____. *Suma Teológica*. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

TORREL, Jean Pierre. *Iniciação a São Tomás de Aquino*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

VAZ DE LIMA, Pedro Henrique. *Raízes da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

WIPPEL, John F. *The Metaphysical Thought of Thomas Aquinas: from finite being to uncreated being*. Washington: The Catholic University of America Press.2000.

VELDE, Rudi T. *Aquinas on God: The 'Divine Science' of the Summa Theologiae*. England: ASHGATE.2006.

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2005.

DAVIES, Brian. *The Thought of Thomas Aquinas*. New York: Oxford University Press, 1993.

TOMÁS DE AQUINO, *Commentary on Aristotle's Physics*. Trad. Kenneth W. USA: Yale University Press, 1999.

ARISTOTLE, *Physics*. Trad. by P.H. Wicksteed. and F.M Cornford. London Harvard University Press, 2006.

DAY, Timothy Joseph, *Aquinas on Infinite Regresses*. Published by: Springer. Disponível em: <http://www.jstor.org./stable/40018833> . Acesso em: 20\03\2012.